

LINGUAGEM AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A VIOLÊNCIA EM FOCO

AUDIOVISUAL LANGUAGE IN BASIC EDUCATION: VIOLENCE ON FOCUS

Anna Carime Souzaⁱ
Deise Nanci de Castro Mesquitaⁱⁱ
Maria Alice de Sousa Carvalho Rochaⁱⁱⁱ

RESUMO

Este relato de experiência apresenta e discute uma das ações desenvolvidas, em parceria, por dois projetos de extensão do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás: “Rompendo o Silêncio” e “Sessão Corujinha”. A atividade presencial consistia na exibição de filmes, seguida de roda de conversa entre estudantes e especialistas em questões de infância e adolescência. Devido à pandemia causada pelo Corona vírus, ela foi repensada e organizada de forma virtual, por meio do canal oficial dessa universidade no Youtube. Para as sessões cinematográficas mensais, agora disponíveis no período noturno, passaram a ser exibidos apenas curtas metragens, cujo foco de reflexão e debate traz à tona questões que se mostraram caras a estudantes dos anos finais de ensino fundamental e de ensino médio, que em 2019 buscaram o Setor de Psicologia Escolar com queixas principalmente relacionadas à violência doméstica e escolar. A partir de uma perspectiva teórica que compreende que toda e qualquer linguagem, seja ela alfabética ou não, se presta a apresentar o mundo em seu aspecto simbólico como uma forma de manifestação e criação humana, os diálogos proporcionados por esses encontros visuais e virtuais têm contribuído para a ampliação do debate sobre as diversas formas de violência, buscando possibilidades de prevenção e conscientização, bem como para fruição estética em linguagem visual e audiovisual da comunidade participante.

Palavras-chave: Violência. Cinema. Educação Básica. Extensão Comunitária.

ABSTRACT

This experience report presents and discusses one of the actions developed in partnership by two extension projects of a basic education school in a Brazilian federal public university: “Rompendo o Silêncio” and “Sessão Corujinha”. The face-to-face activity consisted of showing films, followed by a conversation circle between students and specialists in childhood and adolescence issues. Due to the pandemic caused by the Corona virus, it was rethought and organized in a virtual way, through the official YouTube channel of this university. For the monthly cinematographic sessions, now available at night, only short films were shown, whose focus of reflection and debate brings up issues that proved to be important to students of

ⁱMestre em Psicologia – UFG; especialista em Psicologia Escolar e em Processos Educacionais na Saúde; Psicóloga Escolar no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás; Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: annacarime@ufg.br

ⁱⁱDoutora em Letras e Linguística – UFG; docente pesquisadora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás; Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: mesquitadeise@ufg.br

ⁱⁱⁱDoutora em Educação – UFG; docente pesquisadora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás; Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: maria.carvalho@ufg.br

the final years of elementary and high school, who sought the School Psychology Sector with complaints, mainly related to domestic and school violence, in 2019. From a theoretical perspective that understands that any and every language, whether alphabetic or not, lends itself to presenting the world in its symbolic aspect as a form of manifestation and human creation, the dialogues provided by these visual and virtual encounters have contributed to expand the debate on the various forms of violence, seeking possibilities for prevention and awareness, as well as for aesthetic enjoyment in visual and audiovisual language of the community participants.

Keywords: Violence. Short films. Basic Education. Community Extension.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Um projeto de extensão universitária tem como um de seus fundamentos a relação com a comunidade em que a instituição de ensino se insere. Foi pensando nisso que dois projetos de uma escola de educação básica de uma universidade federal se uniram para desenvolver uma ação em parceria, com o objetivo de levar a toda a comunidade debates sobre violência contra a juventude de uma forma diferente: utilizando a linguagem cinematográfica.

O planejamento inicial precisou ser modificado devido à pandemia do Coronavírus, passando de um momento de encontro presencial para virtual. Entretanto, o objetivo continuou o mesmo, inclusive com a oportunidade de ampliar a quantidade de pessoas alcançadas, como será demonstrado a seguir.

Neste relato de experiência, inicialmente apresentaremos os dois projetos envolvidos: “Rompendo o Silêncio” e “Sessão Corujinha”, para que o leitor possa entender o contexto em que a ação foi pensada. Posteriormente, relataremos como aconteceu a Mostra de Curtas e os debates em torno de tema tão importante em nossa sociedade atual.

PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA JUVENIL

“Rompendo o Silêncio” é um projeto de extensão que nasceu do protagonismo juvenil com vistas a conscientizar a comunidade sobre as causas e consequências da violência, buscando sua desnaturalização, discutindo ainda possibilidades de constituição de um ambiente democrático e reflexivo que previna tais situações. A ideia central desse projeto é, além de buscar romper o ciclo do silêncio que protege os agressores, envolver diversas áreas do conhecimento em sua prevenção e enfrentamento. Afinal, a escola, como um espaço educativo formal de excelência, pode auxiliar a transformação cultural / social necessária para a diminuição da violência em nossa sociedade.

Para compreender a importância deste tema na atualidade, basta observarmos os números do Sistema Único de Saúde a respeito da mortalidade de crianças e adolescentes no Brasil, que nos mostram uma evidência assustadora: a violência é uma das principais causas de morte de crianças e adolescentes no país e não mais as enfermidades de origem biomédica (SILVA, 2008). Segundo o Atlas da Violência 2021 (CERQUEIRA, 2021), no Brasil, a violência é a principal causa de morte entre adolescentes e jovens de 15 a 29 anos, sendo que, em 2019, 51,3% dos homicídios ocorridos no país vitimaram esta faixa etária. Além disso, para os que sobrevivem, a magnitude de suas consequências físicas, psicológicas, sociais e educacionais, a curto e a longo prazo, nos alerta para a necessidade de a compreendermos com o intuito de planejar estratégias de enfrentamento e de prevenção.

Neste processo de compreensão, trazemos o conceito de violência da Organização Mundial de Saúde em que nos apoiamos, que é o

[...] uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade que possa resultar em ou tenha alta probabilidade de resultar em morte, lesão, dano psicológico, problemas de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002, p. 5).

Sendo assim, estão aí incluídos todos os tipos de violência que observamos em nossa sociedade: física, sexual, psicológica e por privação ou negligência. No projeto “Rompendo o Silêncio”, focamos na violência que é sofrida e vivenciada por adolescentes e jovens, pois este é nosso público-alvo principal, mas que também inclui todos os tipos já citados.

Quando nos aprofundamos no estudo da violência, entendemos que é um fenômeno complexo e multifatorial, com diversas causas e consequências, e, por isso, não há como enfrentá-lo ou preveni-lo de forma simples. Na verdade, exige uma ampla variedade de estratégias com a inserção de diversas áreas do conhecimento, de forma coletiva e com um debate ampliado, que é o que a equipe deste projeto vem buscando construir.

Para entendermos como ele surgiu, voltemos ao ano de 2019, quando, após ter acontecido um caso de assédio na escola, um grupo de adolescentes procurou o serviço de psicologia escolar e alguns professores para conversar sobre o que poderiam fazer para prevenir que outras situações como aquela não ocorressem mais, até porque escutaram de outros colegas que já haviam passado por isso em outros lugares longe do ambiente escolar. Foi então que, buscando compreender melhor o que este grupo queria, os profissionais da escola começaram a acompanhar mais de perto suas ideias para que um projeto fosse concretizado.

Uma das primeiras ações pensadas pelas adolescentes foi entender melhor qual é a situação dos estudantes da escola frente às violências sofridas. Desta forma, foi planejado um levantamento de quantos alunos já haviam sofrido algum tipo de violência, por meio da disponibilização de caixas anônimas deixadas nas salas de aulas, para que os alunos tivessem a oportunidade de se manifestarem, escrevendo se já haviam sofrido algum tipo de violência. A caixa foi deixada por um tempo em cada uma das quatorze turmas dos 6º anos do Ensino Fundamental aos 3º anos do Ensino Médio. Tudo aconteceu com o apoio da coordenação e dos professores que permitiram a entrada das alunas e a presença da caixa, onde foram depositados os depoimentos. Desta ação tivemos um resultado de 29 depoimentos colhidos, entre situações acontecidas com meninas e meninos.

Com a leitura e a análise dos depoimentos, pudemos perceber que, além de assédio, vários outros tipos de violência apareceram. Todos aconteceram fora da escola, mas suas consequências chegavam ao ambiente educativo. Naquele momento, o grupo definiu que a temática do projeto precisava ser mais abrangente de forma a ajudar as pessoas a falar sobre o que haviam sofrido, a fazer denúncias e buscar ajuda. Inclusive, esta foi a motivação para o nome do projeto, pois percebemos a dificuldade das vítimas em falar do que lhes acontecia, que inclusive foi relatada nos depoimentos colhidos. Estudiosos sobre o fenômeno da violência confirmam esta percepção do grupo, como por exemplo Giffoni (2016, p. 27), que afirma que “o silêncio frente a situações de violência faz perpetuar a violência, impossibilita o seu enfrentamento” e, justamente por isso, quebrar o silêncio precisa ser uma das ações a serem realizadas.

As jovens protagonistas do projeto também queriam chamar mais pessoas para esta luta e, por isso, o

grupo condutor elaborou uma série de assembleias com os estudantes da escola para explicar tudo o que já havia sido feito e para convidá-los a participar e escutar sugestões de ações que poderiam ser realizadas pela escola, na busca pela prevenção à violência contra os jovens. Como estas reuniões aconteceram no horário das aulas, foi possível convidar apenas algumas pessoas de cada turma, mas, com o convite aberto aos alunos que quisessem participar das ações do projeto. Compareceram à primeira assembleia 37 pessoas, quase todas mulheres, entre servidores da escola, estagiários e estudantes (a maioria dos presentes). Várias ações foram sugeridas, mas uma delas foi chamar mais homens a participarem desse debate e compreender por que não estavam presentes. Dessa forma, para a segunda assembleia, os meninos das turmas foram incentivados a participar. Nessa outra reunião compareceram 34 pessoas e, dessa vez, com a maioria de homens. As duas reuniões foram bem produtivas, com um debate maduro dos adolescentes, em que trouxeram várias sugestões viáveis que poderiam ser realizadas na escola. Além das sugestões, surgiram destes momentos coletivos alguns voluntários para ampliar a equipe condutora do projeto.

Com base nessas discussões, foi elaborado um cronograma de atividades bem diversificadas para todo o ano de 2020, com a participação de estudantes, professores e psicólogos. Entretanto, esse foi apenas iniciado em razão da interrupção das atividades escolares por causa da pandemia de Covid-19. Após um período inicial de afastamento do grupo e da paralisação do projeto, em agosto de 2020, o grupo condutor voltou a se reunir, percebendo que justamente neste momento de afastamento das atividades presenciais, eram necessárias intervenções relacionadas à prevenção da violência. O próprio Ministério da Saúde (2020, p. 1) esclarece que, em situações de pandemia, tais como da COVID-19, os indicadores de vários países evidenciam que os casos de violência já existentes se agravam e, ao mesmo tempo, emergem novos. Ainda são necessárias pesquisas para se obter estatísticas mais claras em todo o país, até porque, com o isolamento social, a quantidade de subnotificações aumenta, pois, as crianças e adolescentes estão longe da escola e de redes sociais de proteção. Entretanto, alguns indícios já nos mostram essa tendência, como os dados do Disque 100 (ONDH, 2020, 2021), canal de denúncia do Governo Federal, que mostram um aumento de aproximadamente 9,7% de denúncias de violência contra crianças e adolescentes entre os anos de 2019 e 2020. Ainda desta mesma fonte, temos um aumento de aproximadamente 25,7% de denúncias entre o 1º semestre de 2020 e o mesmo período de 2021. Neste contexto, que requer urgentes intervenções, as atividades do projeto foram retomadas de forma remota, dentro do que era possível para o momento.

No processo de adaptação das atividades, três delas se destacaram: a divulgação de conteúdos que podem auxiliar na prevenção e desnaturalização da violência via página do projeto no Instagram; uma roda de conversa virtual voltada aos adolescentes da escola sede e a de outras escolas públicas da cidade com a presença de especialistas da área da saúde, da educação e da justiça; e a parceria com o projeto “Sessão Corujinha” para apresentação e debate de curtas que tratam sobre questões relacionadas a violências, voltado para a comunidade em geral. E é sobre esta última ação que este texto tratará com mais detalhamento, após a apresentação do projeto parceiro.

CINEMA E EDUCAÇÃO

O “Projeto de Extensão Sessão Corujinha”: infância e audiovisual tem como objetivo principal promover uma experiência dos estudantes de educação básica com a linguagem audiovisual, sobretudo o cinema. A razão dessa escolha justifica-se por sua vinculação à pesquisa institucional Arte, Psicanálise e Educação: procedimentos estéticos no cinema e as vicissitudes da infância, uma parceria entre universidades federal, estadual e católica do estado de Goiás, e ao Grupo de Estudos e Pesquisa: educação, infância, arte e psicanálise (CNPq/Brasil).

Essa pesquisa iniciou-se em 2014, com a proposta investigativa sobre as representações da infância no cinema e seus possíveis desdobramentos no campo discursivo, principalmente no da educação. Nas investigações realizadas até o momento, em muitos filmes, observa-se uma infância que resiste a uma idealização e que, conseqüentemente, convoca uma discussão a respeito de sua posição subjetiva, tal como entende os estudos amparados em conceitos fundamentados na psicanálise freudiana. De certa forma, essa ancoragem deu sustentação para que, a partir de 2015, se iniciasse o “Projeto de Extensão Sessão Corujinha”.

O projeto, assim nomeado, faz referência ao símbolo criado à época da fundação da unidade de educação básica que o abriga, uma coruja. Essa ave de hábitos noturnos, de olhos grandes e reconhecida capacidade de ver se constituiu por longos anos na logomarca do então Colégio de Aplicação. Na mitologia grega, a coruja é a mascote da deusa da guerra e da sabedoria, a Atena. Esta ave passou a ser relacionada a essa busca pelo saber e é notório que os gregos também valorizavam a noite como um momento de entrega ao desenvolvimento das ideias e do intelecto. Escolher um símbolo, aludindo àquilo que transmite memória, história e saber, imprime a marca do que se objetiva na prática das sessões de cinema mensais, das mostras e oficinas realizadas: a constituição de uma experiência a ser narrada pela via de um testemunho (ROCHA e RODRIGUES, 2021).

Desde sua implementação, essa atividade audiovisual vem sendo trabalhada com um vasto público composto por estudantes e professores do próprio colégio e de escolas de educação básica circunvizinhas. Mas, atualmente, tem sido estendido a diferentes setores da própria instituição, hoje um Centro de Ensino e Pesquisa que atende desde a educação infantil à pós-graduação *stricto sensu*, como no caso da parceria com o “Projeto Rompendo o Silêncio”, e de outras entidades externas que solicitam sua participação, como nos casos do Projeto Institucional e Internacional Minho: um salto à Melgaço do Pará, realizado pelo Grupo Visagem, da Universidade Federal do Pará, da Associação de Produção e Animação Audiovisual Ao Norte, de Viana do Castelo, e da Câmara Municipal de Melgaço, em Portugal. E para que essas parcerias possam atender ao objetivo de suas propostas, que é aliar o cinema à educação, optamos por explorar um repertório de filmes a partir de sua estética, de modo a convocar a discussão sobre o que se vive e os problemas que advêm dessa vivência.

Certamente, o cinema não começou com essa preocupação. As primeiras imagens produzidas e apresentadas atestavam, com ênfase, o grande feito da invenção tecnológica e mostravam cenas cotidianas para demarcar esse avanço científico. O cinematógrafo, sem dúvida, foi o resultado de muitos experimentos, de diferentes autores e de muitos lugares (BERNADET, 1978). Sua linguagem foi sendo desenvolvida lentamente, mas alcançou um estatuto artístico, pois percebeu-se o acesso à alteridade, como no caso das outras artes em geral (BERGALA, 2008).

É bom lembrar também que toda uma economia foi gerada em torno do cinema, constituindo um campo em que um filme pode ser apenas um produto comercial, sem compromisso com a experiência, com a arte. Desse jeito, ele apenas entretém e fica distante das questões necessárias e urgentes de um povo. Não obstante, muitos filmes podem alimentar a existência de um cinema enquanto experiência e testemunho, como no dizer deste cineasta russo:

O cinema deve ser um meio de explorar os problemas mais complexos do nosso tempo, tão vitais quanto àqueles que há tantos séculos vêm servindo de tema à literatura, à música e à pintura... Cada arte tem o seu próprio significado poético, e o cinema não constitui uma exceção: ele tem a sua função particular, o seu próprio destino, e nasceu para dar expressão a uma esfera da vida, cujo significado ainda não encontrara expressão em nenhuma das formas de arte existentes. (TARKOVSKY, 1988, p.94-95).

Nas sessões do “Corujinha” em parceria com o “Rompendo o Silêncio”, optar por essa linha de filmes, que corporifica essa dimensão artística, foi a razão de exibir diferentes produções e diretores brasileiros, afinal, o Brasil, embora com toda a falta de incentivo e divulgação, tem conseguido produzir um acervo com muitas opções. Aproximar a comunidade (estudantes, professores e familiares) desses bons filmes, como diz Bergala (1988), pode formar gostos e, por sua vez, pode apresentar mais que um tema importante, mas provocar o desconforto e a possibilidade de se combater as ideias pré-concebidas e naturalizadas.

Embora a temática dos filmes seja definida e como tal corre o risco de dar vazão à instrumentalização do cinema (já que, sim, esta é uma crítica pertinente quando se observa o tratamento comumente dado ao cinema na escola), nessa parceria a equipe vem cuidando de organizar as sessões com a presença dos realizadores da produção exibida e de estudantes de cinema que analisam os curtas em uma perspectiva estética, a fim de que possam transmitir, testemunhar suas próprias experiências com o processo criativo.

Um cineasta digno desse nome não é aquele que faz seu filme principalmente para dizer o que ele tem a dizer sobre tal assunto, mesmo se o assunto é crucial. O verdadeiro cineasta é ‘trabalhado’ por sua questão – que seu filme, por sua vez, trabalha. É alguém para quem filmar não é buscar a tradução em imagens de ideias das quais está seguro, mas alguém que busca e pensa no ato mesmo de fazer o filme (BERGALA, 1988, p. 48).

Ter a oportunidade de escutar e observar a filiação dos diretores ao cinema e o olhar de estudiosos que se debruçam teórica e empiricamente sobre esta criação é uma maneira de sublinhar o que se entende sobre experiência e testemunho. O testemunho do fazer deles é impregnado por buscar compreender o mundo e quiçá transformá-lo, a partir das condições mesmas que constituem um filme. E a via tomada na proposta, em cada uma das sessões expostas, foi que a espontaneidade estivesse presente nas falas de todos os convidados; o que, sem dúvida, foi o grande diferencial desse tipo de curadoria. É bem possível dizer que a fala deles mostrou a potência do cinema para dar visibilidade às questões urgentes da nossa condição humana e ao exercício de se buscar uma alteridade tão necessária nos dias de hoje, quando por diversas maneiras muitos estão impedidos de testemunhar, de elaborar uma experiência. A seguir, relataremos como isso se deu na prática.

VIOLÊNCIAS EM DEBATE

A preparação para esta Mostra de Curtas, cujo tema em foco são as diversas violências domésticas e escolares e o público-alvo são jovens estudantes, seguiu o critério determinado pela equipe de trazer para o palco produções brasileiras premiadas por sua qualidade estética. Cada seleção foi ocorrendo mensalmente, na medida em que uma das coordenadoras do projeto conseguia a autorização da exibição da obra e o aceite do/a produtor/a em participar da Roda de Conversa. A partir dessa definição, os demais convidados foram selecionados objetivando garantir o protagonismo estudantil tanto de secundaristas participantes do “Projeto Rompendo o Silêncio” quanto de graduandos de cinema envolvidos nas pesquisas do Projeto Arte, Psicanálise e Educação; e para aprofundar teoricamente o debate das questões retratadas nos curtas, especialistas nas Áreas da Saúde, da Educação e do Direito somaram-se ao grupo mediado por um membro integrante de um dos projetos.

Como mencionado anteriormente, devido à pandemia da COVID-19, todas as sessões tiveram que acontecer de forma remota, a partir da utilização do canal oficial no Youtube dessa universidade onde o colégio de aplicação está alocado. A equipe responsável pela transmissão das *Lives* foi composta pelos próprios

docentes e técnicos dos projetos, que receberam as primeiras noções de como utilizar a plataforma de transmissão StreamYard, operar a tela, exibir o curta, mediar o chat etc., em um rápido curso oferecido por profissionais do setor de comunicação digital da instituição. A despeito da inexperiência tecnológica dos envolvidos e dos percalços inerentes às transmissões audiovisuais que dependem da internet, a programação foi realizada de acordo com o cronograma do quadro 1.

Data da Sessão	Título do Curta	Direção / Produção	Gênero	Tema	Ano	Duração
25/11/2020	Nº 27	Marcelo Lordello	Ficção	Bullying	2008	20 min
15/12/2020	A Bicicleta	Milena Ribeiro	Ficção	Violência doméstica	2019	12 min
21/01/2021	Menino Aranha	Mariana Lacerda	Documentário	Violência urbana	2008	13 min
09/03/2021	Intervenção	Isaac Brum	Ficção	Drogas e Insegurança pública	2017	17 min
27/04/2021	Pai aos 15	Danilo Custódio	Ficção	Ausência X Negligência familiar	2016	16 min
26/05/2021	Apneia	Walkir Fernandes e Carol Sakura	Animação	Abuso sexual infantil	2019	15 min

Quadro 1.
Cronograma da
Mostra de Curtas

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

A Sessão nº 1, que apresentou o Curta intitulado Nº 27, pode ser integralmente assistida acessando o link: <https://www.youtube.com/watch?v=u7-Ov2JOsc4>. Estiveram presentes à Roda de Conversa mediada pela educadora Clêidna Landivar a coordenadora geral do Cineclube Cidadania do Colégio João Barbalho de Recife, Anina Dias, o graduando em psicologia Matheus Silva, a secundarista Bárbara Cardoso e a psicóloga escolar Marisa Medeiros. A produção real e impactante desse curta que se passa em um ambiente escolar comum suscitou um acalorado debate sobre *bullying*. Algumas das questões levantadas foram as consequências advindas dessa violência escolar verbal, física, psicológica, sexual..., que se caracteriza pela repetição e que se apresenta como uma espécie de brincadeira, mas que não é, pois comumente acaba gerando transtornos, distúrbios alimentares, o uso excessivo de drogas lícitas e ilícitas, dificuldades de estabelecer relacionamentos e de mantê-los apenas sob um leque de submissão ou de autoritarismo; e, por fim, tragicamente, podendo levar ao suicídio. Uma das cenas mais representativas desse tipo de violência no curta ocorre quando um dos colegas de sala se apossa da camiseta “melada” do personagem, um secundarista arrebatado por uma diarreia de fundo nervoso no momento da avaliação, e sai pelos corredores da escola exibindo a bandeira, o troféu que destrói a autoestima do jovem.

Em *A Bicicleta*, a diretora Milena Ribeiro expõe, de forma sensível e imaginativa, a violência doméstica contra a mulher, a partir da perspectiva de uma criança. Sob a coordenação da educadora Sônia Rodrigues, as também convidadas Sofia Batista, graduanda em cinema, Sarah Pires, licencianda em psicologia, e a psicanalista Rosângela Schittini dialogam com a jovem cineasta sobre sua dolorosa história de infância, reconstruída no curta a partir do momento em que, inadvertidamente, um ciclista cruza a mesma rua em que ela, o irmão e a mãe tentam fugir dos maus tratos do padrasto que espanca, não por primeira vez, a desprotegida companheira. A conversa traz à luz o tabu e as implicações perversas dessa violência escondida sob o véu do silêncio, que agrava os danos psicoemocionais não só de quem é fisicamente agredido, mas de todos os envolvidos neste cruel drama familiar. A Live pode ser assistida na íntegra, acessando o link: <https://www.youtube.com/watch?v=H9lhnBlhdTQ&t=3952s>

Para debater o documentário *Menino Aranha*, participaram da Roda de Conversa a sua produtora, Mariana Lacerda, o secundarista Rafael Gualberto e a psicanalista Glacy Roure. Mediados pela psicóloga escolar Anna Carime Souza, os convidados foram instados a refletir sobre as funestas consequências de quando crianças e jovens são adotados pelas ruas, devido à falta de proteção familiar e de cuidado do Estado. O curta narra o conflito real vivido pelo invisível garoto Thiago que, em busca de nomeação subjetiva e reconhecimento social, incorpora um personagem em busca de infinita liberdade, aprisionando-se, afinal, nas teias da mídia que o transforma em um pequeno grande (anti-)herói. Reverenciada nas falas de todos os participantes da Roda e reiterada nas inúmeras mensagens enviadas pelos espectadores no *chat* da *Live* (<https://www.youtube.com/watch?v=jBEIackuLIE&t=82s>), a qualidade estética da produção é justificada modestamente pela sensível e sensibilizada cineasta como sendo apenas o resultado de um fortuito compromisso profissional de jornalista que, testemunhando a experiência humana de um ficcional menino aranha, acaba se havendo com uma singular e universal história de violência urbana que convoca à reflexão sobre o que é estar no mundo.

Até o momento, a Roda de Conversa inspirada em *Intervenção* é a única indisponível no Canal do Youtube, devido ao fato de o premiado curta ter sido adquirido por uma distribuidora comercial que gentilmente permitiu sua exibição, com exclusividade para esta Live, mas não autorizou a sua reprodução. Fizeram parte do diálogo advindo da narrativa presente no curta sobre as desigualdades sociais potencializadas por um racismo sistêmico, que alimenta a violência policial e a insegurança pública em ações que objetivam a guerra às drogas, o jovem diretor Isaac Brum, o promotor de justiça Dr. Mozart Silva e a psiquiatra Dra. Patrícia Amorim. Com maestria, a educadora Maria Alice Carvalho mediou a polêmica discussão, mas unânime compreensão dos convidados, sobre os equívocos advindos de uma pseudopolítica pública que desconsidera o falido sistema de proibição e a ilusória crença na punição criminal de usuários e traficantes, como forma de garantir a diminuição do consumo e a consequente eliminação de mercados ilícitos de drogas.

Sob a direção de Danilo Custódio, o curta *Pai aos 15* apresenta, com sensibilidade e delicadeza, a história da relação de companheirismo e cumplicidade entre dois irmãos de uma família monoparental feminina. Após a exibição, a psicóloga escolar Marisa Medeiros traz para a Roda (<https://www.youtube.com/watch?v=g33vgsN8tCU>) composta pelo diretor, a psicanalista Marilucia Lago e a secundarista Ester Marques questões antigas, mas atualizadas e ressignificadas na atual realidade agravada pela pandemia da Covid-19: a prematura responsabilidade de jovens adolescentes em cuidar de irmãos mais novos, motivada pela necessidade de ausência dos pais para trabalhar e sustentar a prole. Tal como o próprio diretor revela ao iniciar a conversa, sua intenção com esta narrativa fílmica foi presentificar algumas memórias afetivas que guarda de sua infância, como forma de prestar uma homenagem póstuma ao saudoso irmão Márcio. O diálogo desencadeado a partir da exploração e análise deste trabalho tão íntimo e pessoal é um belíssimo compilado de argumentos que explicitam a grande diferença entre ausência, com amor e proteção, e presença, com negligência e abandono.

A última sessão dessa coletânea de curtas organizada para acontecer durante o ano escolar letivo de 2020 está prevista para o dia 26 de maio de 2021. À exibição da animação *Apneia* se seguirá a Roda de Conversa coordenada pela psicóloga escolar Anna Carime Souza, que receberá um de seus produtores, a escritora e roteirista Carol Sakura, e dois militantes da campanha de combate à violência no estado de Goiás, a psicóloga Railda Martins, da Rede de Atenção à crianças, adolescentes e mulheres em situação de violência de Goiânia e o psicólogo e professor Joselino Santos, do Fórum Goiano de Enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes, para problematizar e lançar luz à abstrusa questão abordada de forma excepcionalmente sutil e poética no curta, que provoca indignação e convoca atitudes cada vez mais enérgicas de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes, a exemplo das ações que vêm sendo realizadas por esses incansáveis ativistas convidados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cada exibição e debate foi-se constituindo a possibilidade não apenas de abordar questões relacionadas aos diferentes tipos de violências domésticas e escolares, mas também de apresentar outros modos de dizer e de elaborar temas muito caros ao nosso tempo, por outra via, isto é, pela via do cinema. O filme, como ato de criação, não se esgota em si mesmo e talvez seja isso que animou a escolha de cada um deles: a possibilidade de deixarem, sob a responsabilidade de cada participante, a procura pelo não-dito.

E, muito embora não seja possível mensurar o efeito que cada exibição provocou no público, o desejo da equipe responsável por essa experiência sempre foi o de que as imagens, os significantes que marcassem os espectadores de cada curta pudessem ser verbalizados no *chat* do Youtube, que permaneceu aberto às dezenas de educadores, estudantes e seus familiares participantes, durante todas as exibições.

Expostos na tela e visíveis aos debatedores, seus comentários e perguntas contribuíram com o debate, já que colocaram em jogo um movimento subjetivo para a fruição, o testemunho e a experiência sobre a violência. Ao fim e ao cabo, mesmo que a distância e de forma virtual, nas Rodas de Conversa que sucederam a exibição dos curtas selecionados para esta primeira etapa de atividades, entre novembro de 2020 e maio de 2021, foi possível ampliar as discussões sobre as diversas formas de violência e traçar outras metas para ações de prevenção e de conscientização promovidas em parceria pelos Projetos de Extensão “Sessão Corujinha” e “Rompendo o Silêncio”.

REFERÊNCIAS

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Rio de Janeiro: Booklink; Cinead-lise – FE/UFRJ: 1988.

BERNADET, Jean-Claude. **Brasil em tempo de cinema: ensaios sobre o cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.

CERQUEIRA, Daniel, et. al. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

GRIFFONI, Rena Mafra. **O silêncio na violência**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Violência Doméstica e familiar na COVID-19**. Cartilha da série “Saúde Mental e Atenção Psicossocial na pandemia COVID-19”. Fiocruz, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório Mundial sobre violência e saúde**. Krug, Etienne G. et al. (Orgs.). Geneva: OMS, 2002.

OUVIDORIA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS. **Disque Direitos Humanos – Relatório 2019**. Brasília, 2020.

OUVIDORIA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS. **Painel de dados da ONDH**. Brasília, 2021. Acesso de <https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/paineldedadosdaondh>.

ROCHA, Maria Alice de S. C.; RODRIGUES, Sonia M. Sessão Corujinha: memória, tempo e narrativas. In: **Cinema e formação: concepções estéticas e pedagógicas**. Fabrício de David de Queiroz et al. (Orgs.). Campinas, SP, 2021. P.145-156.

SILVA, Maria Aparecida Alves da. **A violência física intrafamiliar como método educativo punitivo-disciplinar e os saberes docentes**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

TARKOVSKY, Andreaei. **Esculpir o tempo**. São Paulo: 1988.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

A BICICLETA. Direção: Milena Ribeiro, Brasil, 2019. (12min).

APNEIA. Direção: Carol Sakura e Walquir Fernandes, Brasil, 2019. (15 min).

INTERVENÇÃO. Direção: Isaac Brum, Brasil, 2017. (17 min).

PAI AOS 15. Direção: Danilo Custódio, Brasil, 2016. (16 min).

Nº 27. Direção: Marcelo Lordello, Brasil, 2008. (20 min).

MENINO aranha. Direção: Mariana Lacerda, Brasil, 2008. (13 min).

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES:

As autoras ACS e MACR são as coordenadoras dos dois projetos de Extensão em pauta; e a autora DNCM é a coordenadora dessa ação realizada em parceria pelos dois projetos. As três autoras participaram e contribuíram efetivamente na experiência e na redação do relato.

Recebido em: 24/05/2021 Aceito em: 15/09/2021

